

A VIDA E A MORTE

À memória de Meu Pai, falecido a 12 do corrente.

Padre MISAEL GOMES

Eis os dous termos que resumem o nosso destino na terra: a vida e a morte. Contraditórios aparentemente, não o são na realidade. Irmanam-se; porque não se vive só para morrer, e não se morre senão para viver. O trabalho da vida todo se faz para a morte; o trabalho da morte todo para a vida, devendo esta servir de coroa da morte, enquanto a morte será um triunfo...

Fechai os olhos às imagens alucinantes, escondi-vos na solidão e na paz, buscai os recessos d'alma: donde essa tristeza profunda, indefinível, que experimentais na contemplação de vós mesmo? Porque em meio do que vos circunda, por entre vossos afetos, encerra-se o peito e sentís necessidade de lágrimas? Não será o pressentimento de dolorosa separação, que logo há de arrancar-vos o que tanto amais?

E se em derredor lançardes o olhar, na família há nomes que se envolvem de saudades, lugares vagos para sempre, breve também outros serão; objectos queridos cuja posse se prolonga para mais fazer-vos rezear a ausência; junto de vós enfim o túmulo cuja lousa se remove, vez por outra, irremissivelmente. As festas mais brilhantes dir-se-ão flores que desabrocham; porem flores, como todas, marcessiveis, cujo viço, brilho, retrata a condição da natureza de todas as cousas: cedo desaparece.

A vida é fumo que se evola, vapor que se esvai; é a erva do campo que um mesmo sol faz nascer e morrer. Tal a idéia que nos dão as sagradas Escrituras, da vida. Assim nasce o homem escravo da morte. É lei qua deve cumprir-se. O instante mesmo que corre, sinal da morte: que ela vem, que

avança; porque prazer nem pena lhe obsta os passos. Cada dia, cada minuto, novo golpe da morte encurtando a vida.

Os homens parece veem na morte o fim, a perda de tudo o que eles amam, trabalho dissolvente, um abismo; puro engano, a morte é o complemento do que faltou à vida. O esmorecer da carne perecível vigoriza a alma; o edificio espiritual eleva-se mais ativo dos escombros materiais. Porque, então, se resume o que o homem operou de bem na vida, e seu último suspiro completa e confirma merecimentos. Desaparecem as formas sensíveis; porem a alma e as inestimáveis qualidades que a exornam, as graças do espírito e do coração que lhe conciliaram o respeito e amor, a vida enfim, bela e loura, allí parece renascer. Quiçá uma dor na alma fiel largando o mundo, é de não ter consagrado todos os dias à virtude. Aliás a humanidade sempre elevou a virtude sobre qualquer grandeza; mas, principalmente nas angústias da morte, sente-se o que Deus merece. Ele é o grande músico (nunca esquecerei esta metáfora) debaixo de cuja mão o nada torna-se órgão ou piano, e cada criatura é como a nota que soa enquanto o Criador demora sobre a tecla; que Ele tire o dedo, as vibrações dissipam-se, como as de um sopro. De maneira que não somos mais do que notas produzidas pelas vibrações de imenso órgão, sob o dedo onipotente de Deus.

Mas chama o filósofo Descartes à morte, chama aurora de um belo dia, quando o justo recolhe da boca dos próprios inimigos testemunhos que lhe sonegaram tantas vezes; certo a memória do justo não perecerá. As boas obras que semeou, esmolas que derramou no regaço da pobreza, as lágrimas que enxugou, uma dedicação a toda prova e piedade constante, as virtudes finalmente que acentuaram a sua passagem, elevam-se como vozes a proclamarem o que ele merece de honra, e lhe chamam as bençãos de todos os que o choram. Indica-se com frequência a sua antiga morada, o santuário onde se prostrou em oração; estima-se de reviver seus passos, citar os ditos, repelir os conselhos.

Não! o sepulcro não devora a alma. A esperança nos promete tudo o que perdemos; porque a morte, colocada entre o presente e o futuro, une a ambos;

abre ao homem a pátria onde se reúnem, no seio de Deus, todos os que o amor havia unido aqui na terra; a pátria onde os dias não se ensombram de crepúsculo; onde a vida, curta aliás, termina para recomeçar sem fim; vive-se ali em Deus; é a posse de Deus que constitui suprema felicidade.

Ministra da justiça eterna, a morte traz contingências, apertos e tristezas; mensageira de esperanças e de redenção, vale penhores da infinita misericórdia; segundo o dizer do apóstolo S. Paulo, verdadeiro lucro é a morte, porque a vida deve subsistir das esperanças do Além. Na conformidade das lâmpadas sepulcrais lembrando o dia glorioso que raia-rá sobre os túmulos, esta vida reflete um mundo melhor, para o qual caminhamos.

O homem é o navegador à mercê das ondas que a idéia do porto anima e na tempestade, entre escolhos, sonha com a pátria e a família. É o soldado a quem encoraja a esperança, porque esta faz refulgir o galardão da vitória. É o «Cruzado» destemido que anseia a posse da celeste Jerusalem. É o agricultor a quem o desejo de messe copiosa suaviza os ardores da canícula.

Recolhe-se o que foi semeado. Sê fiel até a morte, diz o Sábio, e receberás a coroa. A felicidade do homem depende de si próprio. A sua mais poderosa inclinação, o seu maior apetite, conforme o padre Vieira, é desejar ser: uns desejam ser ricos, outros nobres, outros sábios; desejam ser poderosos, ser conhecidos, afamados; quasi todos desejam tudo isto; mas erram. Uma cousa deseje o homem—ser Santo. Porque é como entrará na posse do reino que a vida terrena conquistou, reino de justiça onde a virtude terá verdadeira auréola, o mérito a sua plena recompensa: a Imortalidade e Glória!

Fortaleza, Julho de 1938.
